



Romaria

da Senhora das Preces

Várias Empresas de transportes nos têm escrito a perguntar em que dia se realiza a grande romaria e festa da Senhora das Preces. Muitas já têm vários carros alugados prevendo-se que este ano seja uma enchente de carros.

Para conhecimento de todos comunica-se que a grande romaria da Senhora das Preces se realiza todos os anos no domingo do Espírito Santo que este ano é no dia primeiro do mês de Junho.

Resinagem dos pinheiros

Em virtude de vários pedidos e algumas reclamações feitas ao Governo, vai ser autorizada a resinagem dos pinheiros que já eram resinados, mediante certas condições.

Espera-se que as medidas tomadas sejam acertadas para que os proprietários não fiquem prejudicados.

Estrada das Pedras Lavradas

Foi com grande satisfação que se recebeu a notícia de novamente ter sido pedido ao Sr. Ministro das Obras Públicas a construção da estrada desde a freguesia de Vide até às Pedras Lavradas, ligando assim a Beira Baixa ao distrito de Coimbra com uma economia de uns 50 quilómetros.

O pedido foi feito pelos ilustres deputados da Nação, à frente dos quais se via o Sr. Dr. Vasco de Campos distinto médico em Avô e que não cessa de pugnar pelos interesses da sua região.

O mesmo pedido foi já secundado por deputados do distrito de Castelo Branco e por isso é de esperar que o ilustre titular das Obras Públicas atenda tão justo pedido, reconhecendo a sua necessidade e utilidade.

Dr. Luís Lopes de Melo

O «Correio de Coimbra», nos princípios do mês passado, publicou um número especial de justa e bem merecida homenagem ao antigo capelão militar, ao intrépido soldado das Flandres, ao que foi durante uns cinquenta anos pároco da Sé Velha de Coimbra.

Muito se disse, muito se elogiou, mas muito mais ficou por dizer. A sua vida sacerdotal, vivida inteiramente ao serviço da Igreja e da Nação, foi e continuará a ser desconhecida em todos os seus pormenores; mas do que se conhece muito há que louvar, imitar e aprender.

No peito e sobre a sua batina preta trazia as mais altas condecorações militares, ganhas com actos de heroísmo nos campos da batalha com o desprezo da própria vida.

Para mim, a sua mais alta condecoração, a sua maior glória, foi viver e morrer pobremente.

Podia ter ocupado lugares de destaque na vida social que lhe dessem bons ordenados, e com que vivesse desafogadamente, mas tudo desprezou, tudo sacrificou para bem das almas que o SENHOR lhe havia confiado.

Chegado da França cheio de prestígio mas farto de recursos, nem mesmo quis a pensão a que tinha todo o direito. Servira por amor de Deus e da Pátria, não desejou nem aceitou outra recompensa.

Teve sempre presente no seu espírito que a sua vida sacerdotal não era uma missão de ganhar dinheiro, mas sim uma maneira mais fácil, mais sobrenatural e divina de fazer o bem, de distribuir as esmolas que recebia dos homens e as graças que recebia de Deus.

«Morrer sem nome, refulgir com glória eterna» foi, podemos dizer, a sua constante preocupação.

Na «Voz do Santuário» desejo que fiquem escritas estas duas palavras de saudade e gratidão: de saudade porque foi meu professor e mestre, de gratidão porque foi meu conselheiro e guia nos primeiros anos da minha vida paroquial.

Ainda hoje tenho bem presente a sua PALAVRA DE ORDEM que era como que o segredo com que se venciam dificuldades sem conta, em circunstâncias graves e difíceis: «com prudência mas sempre com firmeza».

Coimbra chora a sua perda, e nós sentimos a sua falta. Combateu o bom combate, guardou, viveu e transmitiu a Fé. Que o Senhor Jesus lhe dê a coroa de glória que certamente lhe havia preparado.

TELEFONE da Senhora das Preces

Desde o dia 3 do corrente mês de Fevereiro fica ao serviço do público o telefone do Santuário da Senhora das Preces, ficando encarregado de atender as chamadas o Sr. Américo Mendes Álvaro, a quem os interessados se podem dirigir.

Semana Santa em Vila Cova

Vão realizar-se este ano na freguesia de Vila Cova as cerimónias da Semana Santa. A Comissão promotora está empregando os seus melhores esforços para que revistam o maior brilho e imponência, estando os sermões a cargo de um grande orador sagrado.

Estrada do Piodam

Pelo Sr. Ministro da Economia e Direcção Geral dos Serviços Florestais foi dotada com mais quatrocentos contos a estrada que da Senhora das Preces se dirige ao Piodam contornando a encosta do monte do Col-curinho. Esta verba permitirá fazer mais dois quilómetros de estrada, devendo chegar perto do Chão Sobral. O projecto da estrada da Senhora das Preces às Portas do Inferno, segundo nos informam, ainda se encontra na secção técnica da Direcção Geral dos Serviços Florestais.

Renascimento do Piodam

É Piodam!! Então vais ter uma estrada hein?! Ai o toleirão! Agora sim. Agora é que vais sair do terrível isolamento e mostrares ao Mundo as delícias que possuis. E, deixa estar Piodam, que ainda vais rir-te de quem tanto te escarneceu.

Não deves esquecer o teu principal benfeitor; o Grande protector dos humildes e dos que sofrem, Sua Ex.^a o Senhor Dr. Vasco de Campos, que reconhecendo a tua miséria numa visita que te fez em 18 de Maio de 1950 na sua missão como médico. Sua Ex.^a formulou o primeiro plano, para apresentar na Assembleia Nacional, expondo a tua critica situação e pedindo uma estrada que te ligasse ao Mundo farto de estradas; promovendo-te alívio para a causa da tua maior aflicção. Nada tens Piodam; que materialmente possas agradecer o benefício que te concede tão grande amigo: mas podes sim, ser reconhecedor com as tuas orações.

Lourenço Marques

ARNALDO PACHECO

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Preces cresça, floresça, se desenvolva e progrida, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

Conversando

Ora viva a tia Rosa mai-la sua linda trepadeira que já quer começar a rebentar...

— Adeus Margarida, já há bastante tempo que não apareces por cá. Até julguei que estavas doente.

— Graças a Deus tenho tido saúdinha, apesar do muito frio que tem feito. Sabe? é que tenho andado a apanhar a azeitona, que este ano é uma farturinha de louvar a Deus.

— Ainda bem Margarida que há fartura que é para os pobrezinhos temperarem o caldinho com mais um fiozinho de azeite.

— Por falar no azeite, sempre lhe quero dizer uma coisa.

— Se é boa venha ela.

— Sabe, num dia destes vinha eu do olival, passei pela igreja e fui fazer uma visita a Nosso Senhor.

— Fizeste muito bem.

— Mas ouça... encontrei lá a Matilde das Laranjeiras a acender uma lamparina, já nem sei a que santo.

— Pois fez ela muito bem.

— Mas ouça, tia Rosa, é que eu nunca a vi à Missa, nem ao terço, porque não tem vagar, porque tem de dar conta de tudo quanto se passa na rua para ir contar à co-madre.

— Mas olha lá, ó Margarida, se ela foi acender a lamparina é porque tem alguma fé.

— Isso sim, tia Rosa, o que ela tem é medo.

— Agora é que eu não te entendo.

— Pois entendo eu. Sabe? lá no olival disseram que o homem foi pró Brasil, isto por cá não dá nada, e ela é uma linguinha como a foice dos limpadores de oliveiras é afiada de todos os lados. Pelos vistos tem cortado por aí na casa de muita gente, ouvi dizer até que lhe andam a jurar pela pele e

por isso tem medo que lhe cheguem a roupa ao pelo.

— Olha Margarida isso não será tanto assim. Isto as mulheres em começando a falar...

— Pois está bem, tia Rosa, mas pelo sim pelo não, vai-se acendendo a lamparina aos santos com medo de alguma lamparina pelos queixos.

— Deixa lá, rapariga, quem sabe se são remorsos de consciência... bem vês, falar é fácil e quem se habitua a dizer mal dos outros está sempre com medo da língua dos outros também.

— Olhe, tia Rosa, mas nem com medo têm vergonha. Há por aí línguas... que bem faziam se as fossem oferecer a Santo Antão.

— Olha Margarida, línguas más sempre as houve e sempre as haverá enquanto houver gente no mundo. Sabes o que devemos fazer, é nunca dar motivo para andarem com a gente na língua. É certo que muitas vezes a gente não se pode livrar delas, porque vêem o mal em tudo, dizem mal de tudo, deitam maldade e malícia em tudo. Deitam-se ao desprezo e reza-se por elas para que Nosso Senhor as converta.

— Diz muito bem, tia Rosa, eu também assim entendo. As pessoas religiosas e da Igreja devem vangloriar-se fazendo-lhes bem. As outras... que vão acendendo a lamparina dos santos e em casa as velas ao demónio, porque quem assim procede anda fora da graça de Deus. E como já vai a ser um pouco tardito vou para casa que são horas.

— Pois vai e que Deus te ajude. Dá lá visitas aos teus pais e cá te espero e para a outra vez já levas um ramo de flores da trepadeira da varanda.

— Então viva, até quando cá voltar.

NORMAS DE VIDA

Não litigarás nunca com tua mulher, ainda quando esta te provoque. Ouve e resolve segundo for de justiça, sem fraqueza mas muito gentilmente.

— Desculparás os caprichos de tua mulher, mas não permitirás que se convertam em exigências.

— Dá o dinheiro preciso para as despesas da casa, sem má vontade. Impedirás porém que tua mulher gaste demais.

— Procura conseguir que a tua casa e o seu arranjo correspondam justamente à tua posição.

— Não deves consentir que tua mulher tenha amigas muito íntimas, nem que passe dias com elas. Por teu lado, não introduzirás no teu lar amigos muito particulares.

— Adota um único quarto de cama: a vida em comum fará com que tua mulher se sinta menos independente e mais ligada ao teu destino.

— Trata-a sempre com afecto e delicadeza, aconselha-te sempre com ela sobre os negócios de família, não lhe ocultes nada da tua vida e requer que ela faça outro tanto.

— Deixa que tua mulher seja

Segurem-se... que a terra vai virar-se

O conhecido cientista sueco Azel Hallengborg considera dentro do campo das probabilidades que a série de explosões atómicas em curso em Las Vegas desde 26 de Outubro do ano findo, poderá desequilibrar a Terra antes do fim de 1952.

O dr. Hallengborg calcula que as grandes massas de humidade deslocadas para o Polo Norte em consequência das explosões atómicas fizeram já aumentar o peso deste tecto do globo em cerca de 18 por cento em relação ao peso do Polo Sul. Nestas circunstâncias, os polos poderão inverter subitamente a sua posição — fenómeno que se daria debaixo de um dilúvio universal.

quem manda dentro de casa, mas sempre sob a tua vigilância.

— Respeita teus sogros, como tua mulher deve respeitar teus pais: ouve os conselhos deles com deferência, mas em tua casa tudo se deve resolver apenas como tu e tua mulher decidirem.

PORQUE VIVER

Há muita gente neste mundo que não sabe porque vive nem para que Deus a pôs no mundo. Ora, é impossível que pelo menos uma vez ou outra no decorrer da existência um homem não interrogue a si mesmo: afinal para que estou vivendo? Porque viver neste mundo?

Um dia, São Francisco de Assis o «Poverello», encontrou um rude pedreiro no seu labor. Pôs-se a conversar com ele.

— Que está fazendo, meu amigo? pergunta o santo.

— Oh meu Pai Francisco, trabalho o dia inteiro.

— E porque trabalha?

— Ora... para ganhar o pão.

— E porque ganhar o pão?

— Para viver.

— E porque viver?

— Porque viver?... Ora... viver... Nem sei.

O pobre pedreiro não sabia a razão da vida. São Francisco ensinou-lhe então que temos todos um destino eterno e fomos criados para servir a Deus e sermos felizes com Deus por toda a eternidade.

Quanta gente não sabe ou não procura saber do seu eterno destino!

Querem muitos viver, viver e mais nada.

Não somos um animal que nasce, cresce, morre, e desaparece para sempre. Temos uma alma imortal criada à imagem e à semelhança de Deus, e destinada à vida eterna. É muito triste um homem não saber o seu destino!

O problema do nosso destino é tão

grave, que não podemos entender como os homens e tratam de modo tão leviano o insensato!

Porque viver? — Para conhecer, amar e servir a Deus...

Conta Mons. Olgiati, numa das suas obras, que um insensato que passou pela vida sem fé, mandou gravar na sepultura este epitáfio: «Aqui jaz um imbecil que na vida não soube donde veio, não soube o que fez e não soube para onde foi».

Isto é desesperador! Jouffroy, o torturado céptico, exclamava: «é horrroso viver sem se saber nem donde se veio, nem para onde se vai».

Quem não compreende o seu destino, a razão de ser da vida, não compreende o essencial, o único necessário.

Deveríamos meditar de vez em quando: afinal, para que estou vivendo? E como devo viver? E para que Deus me deu a vida?

Compreender e viver o sentido da vida, eis o que falta a tantos cristãos neste mundo! Não digamos — a vida é uma pândega, a vida é uma tolice, a vida é uma comédia, a vida é um absurdo! Não, mil vezes não!

A vida é uma grande coisa, é um tesouro que Deus nos deu e cada minuto, dizia São Francisco de Sales, nos vem de Deus carregado de uma responsabilidade, de uma ordem de Deus. Se correspondemos à graça e cumprimos a nossa missão, que felicidade! Porém, aí daqueles que esbanjarem o tesouro da vida, do tempo e não compreenderam nem o sentido da vida! E da vida cristã!

A BARCA DE PEDRO

No perpassar dos séculos, tempestades violentas assaltaram e ainda assaltam a Igreja, a barca de Pedro, cujo piloto é o próprio Jesus Cristo. Inimigos internos e externos, de uma a outra extremidade da terra, se levantam contra ela; pagãos, herejes, incrédulos, maus cristãos perseguem-na feroz e tenazmente. Certos homens imaginam que a Igreja está a ponto de perecer e que a barca de Pedro vai a pique, mas esses indivíduos ignoram que Jesus Cristo Todo-Poderoso pode mudar com uma só palavra a mais violenta tempestade pela mais completa bonança. Jesus, o fundador da Igreja, parece às vezes dormir; mas em tempo oportuno acalmará as ondas mais enfurecidas. Jesus Cristo do alto do céu, vela pela sua Igreja, e jamais a abandonará à fúria dos seus inimigos. «Não temais, estarei convosco até à consumação dos séculos — as portas do inferno não hão-de prevalecer contra ela». A Igreja subsistirá até ao fim do mundo, e jamais a barca de Pedro se há-de submergir.

A barca de Pedro, açoitada pela tempestade, é ainda a figura da vida humana. Nós navegamos num mar tempestuoso e cheio de escolhos perigosíssimos. Provações, contrariedades, tentações, como ondas embravecidas, nos assaltam por todos os lados. Parece que Jesus está dormindo e se esquece de nós; mas não desanimemos. Nas horas aflitivas da vida, confiemos em Deus, e recorramos a Jesus pela oração, exclamando como os apóstolos: «Senhor, salvai-nos, que perecemos.» Eles recorreram a Jesus. Do mesmo modo devemos orar, e orar tanto mais quanto mais violentas forem as provações.

A oração e confiança em Deus serão a nossa salva-guarda e salvação. Os apóstolos lutam contra a tempestade. A seu exemplo nunca devemos desesperar nem dos males que nos afligem, nem das nossas próprias misérias. Perseveremos na resistência. Jesus com uma única palavra poderá restabelecer nas almas a paz e a serenidade.

Caso curioso

Um singular fenómeno no Jardim Zoológico da cidade de Milão chama a atenção de toda a gente. Desde a morte do director do Jardim, o famoso caçador de feras e explorador Augusto Molinar, a maior parte dos animais, hóspedes do Jardim, recusam a comida, nuns casos, e noutros comem muito menos. Os tigres e as panteras deixaram de rugir; o mesmo fazem os leões. Os animais, preguiçosamente deitados nas suas jaulas mostram-se indiferentes às visitas dos guardas e, o que é mais, à distribuição da comida. Dois macacos em particular, mostram-se muito tristes e não fazem caso nem dos bolos nem do amendoim que os visitantes lhes oferecem. O elefante não dormiu toda a noite.

É de notar que a câmara ardente de Molinar foi armada dentro do próprio Jardim e que, por outro lado, este mesmo fenómeno se produziu em Berlim, em 1938, também depois do falecimento do director do Zoo daquela cidade.

Uma vida de pobre que foi rica de exemplos

Pelo Prof. SERRAS E SILVA

Justiça aos vivos e paz aos mortos. É o conselho da caridade e da razão, mais vezes pregado do que seguido e respeitado, quanto ao primeiro termo — a Justiça. A inveja, o orgulho ferido, são desfavoráveis à Justiça que se deve a todos; de qualquer idade ou condição. Somos pródigos, às vezes, em elogiar os mortos, que em vida injuriámos ou lesámos no seu direito e justiça. Esta anomalia é de todos os tempos. Um pintor célebre dos Países Baixos serviu-se dela para vender caro os seus quadros — fez que a mulher se vestisse de luto, luto de viúva e fez leilão das obras do marido. Os mortos não fazem sombra nem concorrência.

O padre Lopes de Melo, falecido há pouco em Coimbra, teve enterro solene, apesar das prescrições de simplicidade e pobreza que deixou no seu testamento.

Muita gente de todas as classes, de todas as condições e crenças. Muito respeito, muito sentimento. O vazio que ele deixava era grande e impossível de preencher em muitos casos. Pairava em muitas fisionomias a expressão do sentimento da orfandade. Morrerá o pai espiritual e também o benfeitor que se privava de roupa para vestir os nus e de pão para matar a fome.

Deu-se-lhe na morte o que se recusou em vida. Viveu pobre, esquecido, e por vezes mal visto, abandonado ao frio da Sé Velha, onde se escoavam as manhãs de todos os dias. Mal agasalhado e mal nutrido, achava sempre que dar: não dava o supérfluo, como os ricos, dava o necessário, dava a roupa do corpo e ficava a cobrir-se com a batina, por que deu até as calças e a camisola. Foi no Inverno passado que ele tirou do corpo a já gasta camisola, para com ela agasalhar um parente e ficou exposto ao clima húmido e gelado da Sé Velha. Nesta caridade aquecia-se-lhe o coração agasalhando os outros. São os pobres os mais liberais e os mais generosos que dão sem medo de ficarem mais pobres. Os ricos tremem só à ideia de lhes poder faltar alguma coisa; os pobres estão afeitos à penúria da falta de tudo. O padre Melo dava mais que os seus haveres, dava-se ele mesmo: o seu tempo, a sua experiência, o seu saber, a sua alma, que era muito grande e chegava, ao mesmo tempo, a muitos lares, a muitas famílias, onde a desgraça pousasse com demora. Este amigo das horas más, que não olhava a incómodos, que não temia a fome, a sede, a insónia e o frio, sofria com a indiferença dos homens e com a sua injustiça — à pessoa que lhe mandou uma camisola nova e mais quente que a dada por ele ao outro, mais pobre ainda respondeu em carta que vi, há dois dias, — o padre Melo não sofre desse frio que se combate com a roupa, sofre doutro frio... Era o frio da indiferença, e por ventura o da injustiça, que faz sofrer mais que as baixas temperaturas exteriores. Mas não era só este frio da indiferença ou da desconfiança, era, acima de tudo, o calafrio da desordem social, os abusos do poder, das medidas erradas, das preferências injustificadas que a ignorância e espírito de nepotismo lançam continuamente à nossa volta. O padre Melo sofria, como poucos, dos males que lhe não diziam particularmente res-

peito, porque eram males de todos e para todos.

Estes males eram sobretudo de ordem espiritual, males morais que afectam e danam os costumes: defeitos de educação, erros de inteligência, debilitações da vontade.

A característica do seu feitio (o feitio do padre Melo era comentado) era a firmeza, aquilo a que Napoleão chamava ser quadrado, tanto na base como na altura. Esta firmeza era considerada teimosia. Não arredava pé, enquanto não visse que tinha os pés mal assentes no chão das boas razões. O homem de carácter não procede de outra maneira, mas esta maneira nem sempre é bem olhada por quem vê do alto o procedimento dos que marcham na zona inferior, cá em baixo, no mundo da acção. O obstinado não é o que teima, agarrado às mesmas táboas, do navio; o obstinado é aquele que teima por motivos de sentir e não por motivos de pensar. A força da vontade explica a superioridade moral do padre Melo. Era um carácter, um forte que se desfazia, nas trincheiras da máscara antigás para proteger os pobres soldados. É a força da vontade, a energia do carácter, que faz a caridade destas abnegações. Os patriotas de palavras não passam da aspiração, de projectos, porque têm medo. Para não ter medo, é necessário ser-se forte. A fortaleza é talvez das virtudes cardeais a que mais nos falta, na panoplia das nossas armas. Para afrontar os perigos, as dores, as privações, o isolamento moral e físico, a solidão e a oposição dos invejosos, dos malévolos e injustos oponentes, é necessária a força de alma, o vigor do carácter.

O cuidado que lhe mereceu a pobreza levou-o a criar uma nova congregação, ainda não oficializada, mas aprovada pelo bispo — as *Criaditas dos Pobres*. Milícia austera que serve os pobres na sua casa, na doença e na saúde. Senhoras de sociedade abandonaram o mundo e dedicaram-se ao ofício de Criaditas... dos Pobres. É uma invenção do padre Melo, esta estranha congregação, onde reina a maior dedicação e a maior austeridade.

A primeira Grande Guerra foi ensejo para serem aproveitadas as disposições de alma que ornavam aquela figura — foi o primeiro capelão das nossas tropas em França, o primeiro a oferecer-se para que os soldados católicos não se sentissem privados do conforto religioso, precisamente quando este lhes era mais necessário. Não lhe faltou a coragem nem as ocasiões de a utilizar nos campos de batalha. Nem só os crentes aproveitaram o auxílio moral do intrépido capelão — um incrédulo encarregou-o de várias comissões, com a promessa de que o seu cadáver não teria nenhuma cerimónia religiosa. Muitos episódios da guerra contados pelo padre Melo mostram o que foi a organização do nosso corpo expedicionário, feita à pressa e com meios muito mediocres. Mas essa história é já antiga. Pertence a um passado hoje distante. Voltou da guerra condecorado, cheio de prestígio, mas mutilado, enfraquecido pelos gases e com a perda de uma vista. Não requereu a pensão. Voltou à sua paróquia, à vida pobre que sempre levava.

Como podia trabalhar, à antiga, não quis a pensão. Singular maneira de

Anedotas

Numa das grandes cidades europeias o inspector sanitário visita a urbe onde houvera alguns casos de tifo. E pergunta:

— Que precauções tomam os senhores?

— Primeiramente fervemos a água...

— Muito bem!

— Depois filtramo-la...

— Esplêndido!

— Depois lavamo-nos com ela. Para beber, usamos o vinho!

* * *

O milionário Joe conta a um amigo como chegou a curar-se da grave enfermidade.

— Fui ao médico e levou-me 500 dólares.

— Porque foste a um médico tão caro?!

— Bem: os médicos também têm direito a viver.

— E depois?

— Fui à farmácia aviar o remé-

Assembleia Geral da Irmandade

No dia 3 do corrente reuniram-se na Senhora das Preces em Assembleia Geral os irmãos da Irmandade para discutir e modificar alguns artigos dos Estatutos.

Condições de Assinatura por ano

A *Voz do Santuário* que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simples assinantes	— 10\$00
Assinantes benfeitores	— 20\$00
Estrangeiro	— 20\$00

dio e o farmacêutico levou-me 500 dólares...

— Porque foste a uma farmácia tão cara?

— Claro: os farmacêuticos também têm direito a viver.

— E tomaste o remédio?

— Não, porque eu também tenho o direito a viver...

ASSINATURAS PAGAS DA «VOZ DO SANTUÁRIO»

Com 10\$00 pagaram a sua assinatura os senhores:

César do Carmo Pacheco, de Lisboa; Ricardo dos Anjos Pacheco, de Lisboa; Cristiano Lourenço, do Goulinho; Armando Lourenço da Costa, da Barroja; José Mendes Dias, do Chão Sobral; D. Maria Emília Gouveia, de Oliveira do Hospital; D. Maria Teresa Mourisca, de Oliveira do Hospital; Ildebrando Ferreira Bicho, de Aldeia das Dez; Manuel Marques Gouveia, de Aldeia das Dez; António Tavares de Sousa, de Aldeia das Dez; Manuel Mendes Gouveia, do Avelar; António Dias dos Santos, de Lisboa; Alfredo Tomaz, de Lisboa; Armando Lopes (com 15\$00) e Manuel Dias dos Santos (com 12\$50), ambos da Gramaça e residentes em Lisboa; D. Maria Urbana, de Lisboa;

D. Maria do Nascimento Alves, de Lisboa; José Gabriel Tavares, de Aldeia das Dez; D. Albertina Amaral, de Pomares; Varela Pinto, de Oliveira do Hospital; D. Eduarda da Conceição Rodrigues, de Lisboa; D. Maria Isabel Leal Morgado, de Coimbra; António Castanheira, de Pomares; P. Alberto Sanches Pinto, de Avô; Teresa de Jesus Mendes, de Avô; Augusto Almeida, de Cebola; Maria Olímpia Figueiredo, de Aldeia das Dez; Manuel Lourenço Fernandes, de Goulinho; Maria da Conceição Duarte, de Vale de Maceira; Eduardo Mendes Dias, de Vale de Maceira; Graciano da Fonseca, de Alvoco de Várzeas; e Joaquim Ribeiro, de Lisboa.

Com 20\$00 pagaram a sua assinatura os senhores:

João Augusto Lourenço de Moura, de Lisboa; D. Miquilina Andrade, de Galizes; Manuel da Costa Cabral, de Tragos; Luciano Francisco, de Lourenço Marques; António Caldeira da Fonseca, da África do Sul; Manuel Castanheira, de Lisboa; Dr. Benjamim Guilherme Hall, de Oliveira do Hospital; Luciano Lourenço, de Lisboa; Prior da Mata Mourisca; e Manuel dos Santos Diniz, de Pomares. Luís de Brito Ferrão, da Argentina, com 50\$00.

Mais uma vez lembramos aos nossos prezados assinantes que não fazemos cobrança pelo correio, por se tornar dispendiosa e trabalhosa. Agradecemos que nos enviem as suas importâncias em carta ou vale. Mas não se esqueçam de que uma nota de vinte dentro de uma carta resolve todas as dificuldades.

Muitos dos nossos assinantes assim o entendem e assim o fazem com o que muito folgamos e muito agradecemos.

(Do «Correio de Coimbra»)

Aldeia das Dez

CASAMENTOS — No mês de Janeiro realizaram-se nesta freguesia os casamentos de José Fonseca, do Porto Silvado, com Maria Irene, do lugar da Gramaça; Manuel Mendes Sazes com Maria Augusta, ambos de Aldeia das Dez; Raul Adrião, do lugar de Vale de Maceira, com a menina Alice Mendes, do lugar do Goulinho. Que sejam todos muito felizes.

FALECIMENTOS — No dia 10 no lugar da Gramaça faleceu Maria Rosa, de 90 anos de idade, viúva de João Fonseca. No dia 21 no lugar de Aldeia faleceu a sr.^a Rita Máxima da Cruz Moreira, de 86 anos de idade, viúva de Manuel Moreira, mãe da Sr.^a Luciana da Cruz Moreira, esposa do Sr. José Mendes Figueiredo, e do Sr. Manuel Moreira ausente na América do Norte. No dia 22 faleceu Maria dos Prazeres, de 75 anos de idade. No dia 26 faleceu na quinta do Colcurinho o sr. António Alves, de 93 anos de idade. Era um dos homens mais velhos da freguesia.

A todas as famílias apresentamos sentidas condolências.

Cebola

Na povoação de Cebola ardeu por completo a padaria do Sr. Alfredo Pereira Araújo, não se aproveitando coisa alguma do recheio e os prejuízos não estavam cobertos pelo Seguro.

Para maior infelicidade o sr. Alfredo Pereira Araújo encontra-se inutilizado com a doença das minas, sendo por isso a padaria o único recurso para a sua sustentação e de sua família.

Espera que as boas almas o ajudem a reconstruir a padaria.

Recordações do Santuário

Quando visitar este Santuário não se esqueça de levar uma lembrança, uma recordação.

Junto da capela, em lugar próprio, encontra à venda terços, crucifixos, flores, livros de Missa e medalhas de Nossa Senhora das Preces.

Caridade

O Arcebispo de Bordeus, Monsenhor Avian de Sanzay, era tão caridoso que dava tudo aos pobres, privando-se do que mais necessitava. Chegou a precisar de roupa interior e quando lhe falavam em comprá-la, respondia sempre:

— Sim, sim! veremos, daqui a uns dias.

A sua governante imaginou, então, um estratagemma e, dirigindo-se ao Prelado, disse-lhe:

— Monsenhor, eu desejava, nas minhas horas vagas, fazer umas camisas para um velhinho pobre, que não tem que vestir; mas não tenho com que comprar o pano. Se me quizesseis ajudar, dando-me alguma coisa para o pano das camisas?...

— Sim; pobrezinho do velho! — disse o Prelado. — Tome lá, para comprar o pano.

Dentro de alguns dias veio a saber que, com a sua ardente caridade havia dado uma esmola a si próprio.

Capela do Colcurinho

Os favores, as graças e os milagres da Senhora do Colcurinho não são só conhecidos nesta região da Beira. A sua fama já se espalhou por toda a parte, já passou os mares, já deu entrada em terras de Santa Cruz, na África e nas Américas. É por isso que de todos os cantos da Terra vêm chegando algumas esmolas para a sua capelinha pois todos os seus devotos desejam ajudar uma obra que se impunha pela sua necessidade.

Hoje têm a palavra os argentinos. É gente de Portugal que lá vive a mourejar, a ganhar a vida.

O Sr. Luís de Brito Ferrão, natural de S. Gião e residente em Moron abriu uma subscrição para angariar donativos para a capela do Colcurinho e enviou-nos uma lista com os seguintes nomes e quantias:

Luís de Brito Ferrão, de S. Gião, 50 pesos argentinos;
José Marques da Silva, S. Gião, 20 pesos;
Amorim dos Santos Marques, S. Gião, 10 pesos;
Cristiano de Oliveira, 10 pesos;
Benjamim Ferreira Moraes, 10 pesos;
José Venâncio, 5 pesos;
José da Silva Gouveia, 5, todos naturais de S. Gião;

Santa Ovaia

29 de Janeiro

No dia 26 do corrente, na Igreja paroquial de Santa Ovaia, terra natal da noiva, celebrou-se o enlace matrimonial da Sr.^a D. Maria da Glória Mendes, filha do Sr. Adelino Mendes e da Sr.^a D. Emilia Figueiredo, com o Sr. Manuel Augusto Lourenço, filho de Placidino Lourenço Fernandes e da Sr.^a D. Adelaide Duarte, natural do Goulinho, freguesia de Aldeia das Dez.

Foi ministro oficiante o Rev.^o P.^o Augusto Sanches Pinto que celebrou a missa e proferiu uma tocante alocução alusiva ao acto.

Apadrinharam o acto por parte da noiva, o Sr. Dr. Alexandre Pais Moreira Figueiredo, ilustre clínico em Canedo, e sua Esposa Sr.^a D. Maria Emilia Malheiro, e por parte do noivo o Sr. José Lourenço Mendes, irmão do noivo e sua cunhada Sr.^a D. Aurora de Jesus Lourenço.

Os noivos que são credores das maiores venturas partirão dentro de breves dias para Lisboa, onde fixam residência.

Alvoco das Varzeas

O novo Pároco nomeado para esta freguesia deverá tomar posse no próximo dia 10 celebrando nesse dia a missa às onze e meia.

— Realizou-se aqui o casamento do Sr. José de Moraes Dias da Cruz, alfaiate, com a menina Irene Tavares de Campos, filha do Sr. Adelino Madeira Tavares e da Sr.^a Maria Laurinda de Campos.

Desejamos-lhes muitas felicidades.

Antónia de Marques, Espanha, 5 p.;

Juan Freire da Silva, 50 p.;

Óscar Freire da Silva (argentino), 10 p.;

Júlia Mendes Moraes, 10 p.;

Alberto Rodrigues, 10 p.;

Manuel da Cruz Freire, 18 p.;

Luís Mendes Freire, 10 p.;

José Abrantes, da Cabeça de Eiras, 10 p.;

Luís de Jesus Coimbra, 10 p.;

António Coimbra, 10 p.;

José de Oliveira, 10 p.;

Cristiano Mendes da Costa, 10 p.;

Soma esta lista 265 pesos.

O nome da Senhora do Colcurinho também já chegou à África do Sul e assim o Sr. António Caldeira da Fonseca enviou-nos uma libra para pagamento da sua assinatura e o resto para as obras do Colcurinho.

Por hoje só temos a acrescentar 50\$00 de uma anónima de Penamacor, e 30\$00 do Sr. Joaquim Gonçalves, guarda Florestal, de Vale de Maceira. 50\$00 de José Mendes Figueiredo, de Aldeia das Dez, 50\$00 de António Nunes Fernandes, de Barril de Alva, e mais nada até ver.

Festa das Candeias

A festa da Purificação de Nossa Senhora que se celebra no dia 2 de Fevereiro, é também chamada a festa das candeias. Denomina-se assim porque a Igreja benze nesse dia um grande número de velas que são levadas em procissão, ardem no altar, e são guardadas em casa para atrair as bênçãos do Céu, principalmente à hora da morte.

Estas velas bentas e acesas simbolizam Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem o velho Simião chamou luz enviada para alumiar as gentes.

Jesus é de facto a luz verdadeira e única que vem a este mundo para dissipar as trevas da idolatria e do pecado. Esclarece-nos com a sua doutrina e com o seu evangelho. Faz-nos ouvir a voz dos Apóstolos e dos seus ministros, enviados por todo o mundo para anunciar e instruir todos os povos.

As velas simbolizam ainda os verdadeiros cristãos que, santificados e consagrados pelo Baptismo e pelos outros sacramentos, devem ser, a exemplo do divino Mestre, **Fachos ardentes, luzes brilhantes**, interiormente abrasados em amor de Deus e esclarecendo exteriormente com bons exemplos todos aqueles no meio de quem vivem. É o que S. Paulo recomenda aos fiéis do seu tempo: Vivei irrepreensivelmente e como verdadeiros filhos de Deus, no meio de uma geração má e perversa, no seio da qual deveis brilhar como luzes do mundo.

Bispo da Guarda

No dia primeiro de Fevereiro na cidade da Guarda, faleceu Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. José Alves Matoso, venerando Bispo da Guarda, com a idade de 92 anos.

A sua morte foi muito sentida por toda a sua diocese que ele pastoreou durante 37 anos.

O seu funeral realizou-se no dia 4 para o cemitério de Coja para jazigo de família.

HISTÓRIA DO SANTUÁRIO de NOSSA SENHORA DAS PRECES

A venda em Coimbra na «Casa do Castelo», em Oliveira do Hospital, na casa «Júlio dos Santos» e no Santuário

Trago uma chaga no peito .

Ai tanta ovelhinha, tanta, que Deus me deu a guardar! Mas, quando alguma se espanta, poiso a flauta, poiso a manta, corro atrás dela a chamar:

«Laranja! Rola! Pombinha! Volta, não fujas!» Porém, quanta vez, por sorte minha, a ovelhinha já não vem, por mais que chame com jeito!

Paro então, desanimado, e cá de longe inda espreiro, ao meu bordão arrimado.

Trago uma chaga no peito, de me encostar ao cajado.

Pouco o descanso demora, pois ouço dentro uma voz a dizer-me: Vai-te embora, depressa, em marcha veloz! A ovelhinha, presa agora, chama por nós.

E corro então novamente, galgando outeiros e combros; e quando apanho a ovelhinha, carrego-a sobre os meus ombros e a chorar lhe digo isto:

— Minha ovelhinha perdida, volta ao rebanho de Cristo! Só ali terás a vida!

E ao meu bordão arrimado, poiso a ovelhinha com jeito e toco a flauta um bocado.

Trago uma chaga no peito, de me encostar ao cajado.

P.^o AUGUSTO NUNES PEREIRA